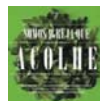


**II DOMINGO DE PÁSCOA DA RESSURREIÇÃO SENHOR – ANO A
DOMINGO DE PASCOELA E FESTA DA DIVINA MISERICÓRDIA
SOMOS IGREJA QUE ACOLHE**



Caros amigos:

Este é o Domingo da Oitava da Páscoa. O primeiro dia da semana. O dia do encontro do Ressuscitado com a Sua Igreja reunida, na casa dos cristãos, como outrora no Cenáculo, na sala da Última Ceia. Este seria o domingo em que os novos batizados se apresentariam revestidos de Cristo, com a sua veste branca, para agradecer as riquezas do Batismo com que foram purificados, da unção espiritual do Crisma com que foram ungidos e renovados e do Corpo e Sangue da Eucaristia com que foram redimidos. Este é, desde o ano 2000, o domingo da Divina Misericórdia, que nos recorda o dom do perdão dos pecados, que brota das feridas e do lado aberto de Cristo Morto e Ressuscitado.



Só podemos falar da ressurreição a partir da experiência que nós próprios fazemos dela. A Palavra de Deus tem-nos renovado? Como consequência, temos nós, como comunidade crente, transformado o meio em que vivemos e actuamos? Temos encorajado outros a lutarem, como seres renovados por Deus, por uma nova sociedade, mais justa e fraterna, mesmo correndo riscos? A ressurreição fala de uma outra vida. Uma vida aqui, mas não como esta que está aí. Isto exige uma renovação dialéctica do mundo e do homem. Tomemos como ponto de partida o homem renovado que, transformando as estruturas em que vive, cria novas estruturas para homens novos, que as vão novamente transformando, e assim sucessivamente. E Jesus não abandona os que têm «cabeça-dura». Ele volta sempre.

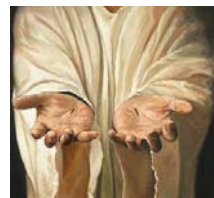
1ª Leitura
Act 2,42-47
Salmo
117 (118)
2ª Leitura
1 Ped 1,3-9
Evangelho
Jo 20,19-31

“A EXPERIÊNCIA DE RESSURREIÇÃO DA COMUNIDADE DOS DISCÍPULOS (vv.19-23).”



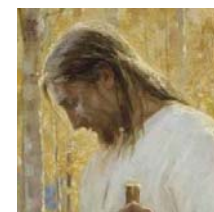
PARA MEDITAR

“UMA NOVA EXPERIÊNCIA COMUNITÁRIA DE RESSURREIÇÃO COM TOMÉ (vv.24-29).”



Com este episódio de Tomé, o evangelista João quer responder às interrogações e às objecções que os membros da sua comunidade levantam. Como resposta a estas interrogações, João apresenta o exemplo de Tomé que teve dificuldade em acreditar na ressurreição do Senhor e diz-nos claramente que é na comunidade que podemos fazer a experiência do Ressuscitado. É no primeiro dia da semana - agora, Domingo -, dia em que a comunidade se reúne para celebrar a Páscoa, que o Ressuscitado se torna presente na palavra proclamada e no sacramento do altar. Quem, como Tomé, está fora da comunidade não faz a experiência do encontro com o Ressuscitado. No entanto, todos aqueles que em comunidade se reúnem para celebrar a eucaristia encontram-se com o Senhor Ressuscitado e vêem a sua vida transformada. Acreditamos que é o mesmo Aquele que está vivo e Aquele que morreu na cruz?

“OBJECTIVO DO EVANGELHO: QUE TODOS ACREDITEM EM JESUS E, ACREDITANDO N'ELE, TENHAM A VIDA (vv. 30-31)”



Estes versículos finais mostram a conclusão original do Evangelho de João: “*Estes (milagres), porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome*”. Aqui está a chave de leitura de todo o Evangelho: a promoção da vida; vida que, para ser plena de sentido, necessita do encontro com Jesus, o Ressuscitado, Aquele que tinha sido crucificado. O objectivo do Evangelho, portanto, é despertar a fé de pessoas e comunidades em Cristo que viveu para servir e amar. Animada pelo dom do Espírito Santo, a Igreja tem as mãos abertas para servir e um coração capaz de sangrar por amor à humanidade.

REZAR A PALAVRA E CONTEMPLAR O MISTÉRIO



*Que a tua paz esteja sempre conosco, Senhor.
Sopra o teu Espírito.*

*Que Ele guie a nossa fé e que nós possamos confessar-Te:
“Meu Senhor e meu Deus!”*

Dá-nos uma verdadeira Páscoa **CO(M)VID(A)-20!**

VIVER A PALAVRA

Através da minha maneira de viver vou explicar, tornar presença, palpável, vivenciável a nova realidade da ressurreição, para que outros se sintam animados a dar um passo de fé para além de uns meros sinais.



HOMILIA NO II DOMINGO DA PÁSCOA A 2020

Os discípulos encontravam-se em casa com medo dos judeus



Há um delicioso desenho que circula nas redes sociais, que traduz um diálogo imaginário entre Deus e o Diabo. O Diabo, feliz da vida, diz a Deus: “*Consegui fechar todas as Igrejas*”. E Deus responde: “*E eu consegui abrir uma Igreja em cada casa*”. Esta nota de humor serve-nos de inspiração à nossa reflexão semanal.

Na verdade, tal como nós, os discípulos estão “confinados”, cheios de medo, à porta fechada, dentro da sala da Última Ceia. Estão de portas fechadas, não por causa de algum vírus contagioso, mas com medo da perseguição dos judeus. Todavia, é aí, em casa, na sala da Última Ceia – o chamado Cenáculo – que se reúnem. E é aí que Jesus Se manifesta vivo e Ressuscitado, no primeiro dia da semana, o domingo. As portas fechadas não impedem Jesus de entrar, de Se colocar no meio deles e de ser, para eles, a Paz: a Paz que lhes dissipa o medo, que lhes restaura a confiança, que lhes dá serenidade para viverem aquela hora difícil. Agora estão confinados, mas este é um tempo rico de intimidade, de diálogo, de partilha, de proximidade, fortalecendo os laços da sua comunhão.

Não vão ainda ao Templo, por causa dos judeus. Mas naquela sala, onde comem e bebem, onde partilham sentimentos, onde rezam juntos, Jesus faz-Se presente, porque está onde dois ou três se reunirem em Seu nome (cf. *Mt*18,20). Um templo, uma Igreja, “*uma Catedral realiza-se também pelas nossas mãos abertas, disponíveis e suplicantes, onde quer que nos encontremos. Porque onde há um ser humano, ferido de finitude e de infinito, aí se encontra o eixo de uma catedral*” (Card. José Tolentino).

O Cenáculo, a primeira Catedral da Igreja nascente



E realmente o Cenáculo é a primeira Catedral, o primeiro “Templo cristão” que logo se ramifica em todas as casas e em todos os corações habitados pela presença do Ressuscitado. Até aos finais do século III, os cristãos não tinham lugares próprios de culto; os primeiros templos aparecerão por volta do século IV. A primeira comunidade dos cristãos, por causa da perseguição dos judeus, não tinha Templo e começou por se reunir na casa dos próprios cristãos (cf. *1 Cor*16,19; *Rm*16,5; *Cl*4,15; *FIm*2). Casais, como Áquila e Priscila, oferecem a sua casa, como lugar onde se reúne a «Igreja», a assembleia dos cristãos (cf. *1 Cor*16,19). Muitas vezes era o dono da casa que presidia às reuniões dos cristãos. Aí aprenderam a construir uma Igreja à imagem de uma família, até que cada família aprende a edificar-se à imagem de uma Igreja.

Esta é a inspiração que nos oferece a primeira comunidade dos cristãos (cf. 1.ª leitura): é uma comunidade familiar, de portas fechadas, mas de janelas abertas. É uma comunidade que cria *uma imunidade de grupo*, valendo-se de quatro vacinas fundamentais: eram assíduos ao ensinamento dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do Pão e às orações. Esta vivência marcava também a vida familiar: os cristãos viviam como se tivessem uma só alma e um só coração, partiam e repartiam o pão em suas casas, tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração e louvavam a Deus.

Fazer dos nossos lares pequenos cenáculos, pequenas igrejas domésticas



Caros amigos, nestes dias de privação e de provação, com as portas das Igrejas fechadas, abrem-se janelas de oportunidades, para abrimos uma Igreja em cada casa, em cada família cristã, chamada a tornar-se “Igreja doméstica” (cf. LG 11; AL 15:86; CIC 1657). Deixo-vos três sugestões práticas:

1. Criando um canto ou recanto, aí em casa, para a leitura da Palavra de Deus e para a oração pessoal ou familiar. Uma Bíblia, uma vela, uma toalha branca na mesa. Nesse canto podemos reunir-nos e dar mais tempo à escuta da Palavra e ao ensino dos Apóstolos. Temos, porventura, mais tempo para ler a Bíblia, para meditar nas leituras de cada dia ou de cada domingo. Façamo-lo mais assiduamente.
2. Fazendo da sala de jantar um cenáculo. As nossas refeições familiares sejam uma espécie de réplica da sala da Última Ceia. Podemos proceder à bênção da mesa, pelo menos aos domingos. Partilhem os nossos sentimentos e a nossa vida. Repartamos o pão por todos. Tomemos o alimento com simplicidade e alegria de coração.
3. Acompanhando a celebração da Eucaristia pela TV, pela Rádio, pelo Facebook, pelo YouTube. Façamo-lo não como quem está a assistir a um espetáculo religioso, mas a participar, de corpo e alma, na celebração do mistério pascal do Senhor. Adoptemos as posições e atitudes, em tudo semelhantes àquelas que assumimos quando participamos presencialmente numa celebração na Igreja.

E assim o Diabo não se ficará a rir, dizendo: “Conseguir fechar todas as Igrejas”. Pois Deus dirá, cheio de alegria: “E eu consegui abrir uma Igreja em cada casa”. Assim seja.